

1

BRIDGET

— **E**spanque-me! Mestre, espanque-me!
Reprimi uma gargalhada ao ver o rosto do meu guarda-costas Booth enquanto *Leather*, o papagaio, palrava na gaiola. O nome do papagaio dizia tudo o que precisávamos de saber sobre a vida sexual do anterior dono, e embora alguns o achassem engraçado, Booth, não. Detestava pássaros, faziam-lhe lembrar ratos voadores gigantes.

— Um dia, ele e o *Leather* vão entrar no jogo. — Emma, a diretora do Wags & Whiskers, fez estalar a língua. — Pobre Booth.

Contive outra gargalhada, embora sentisse uma pequena dor no peito.

— Provavelmente, não. O Booth vai-se embora em breve.

Tentava não pensar nisso. Booth estava comigo há quatro anos, mas ia de licença de paternidade na semana seguinte e ficaria em Eldorra, junto da mulher e do recém-nascido. Sentia-me feliz por ele, apesar das saudades que teria. Não era apenas o meu guarda-costas, mas um amigo, e restava-me esperar que o seu substituto e eu tivéssemos o mesmo tipo de relacionamento.

— Ah, sim, esqueci-me. — A expressão de Emma suavizou-se. Ela andava na casa dos sessenta e poucos anos, possuía cabelo curto com madeixas grisalhas e olhos castanhos meigos. — Vai haver muitas mudanças para ti em pouco tempo, minha querida.

Ela sabia o quanto eu detestava despedidas.

Era voluntária no Wags & Whiskers, um abrigo para animais de estimação, desde o segundo ano de faculdade, e Emma tornara-se uma grande amiga e mentora. Infelizmente, também ela partiria. Continuaría em Hazelburg, mas ia aposentar-se como diretora do abrigo, o que significava que eu deixaria de a ver todas as semanas.

— Uma dessas coisas não *precisa* de acontecer — disse, meio a brincar. — Tu podias ficar.

Ela abanou a cabeça.

— Administrei o abrigo durante quase uma década, e precisa de sangue novo, de alguém que possa limpar as gaiolas sem ficar com dores nas costas e nas ancas.

— É para isso que servem os voluntários. — Fiz um gesto na minha direção.

Estava a chover no molhado, mas não podia evitar. Entre Emma, Booth e a minha iminente formatura na Thayer University em Relações Internacionais — como era esperado de uma princesa —, tinha despedidas suficientes para os próximos cinco anos.

— És uma querida. Não contes aos outros, mas... — Ela baixou a voz para um sussurro conspiratório. — És a minha voluntária preferida. É raro encontrar alguém da tua posição que faça caridade porque quer, e não a fim de se mostrar para as câmaras.

Corei com o elogio.

— O prazer é meu. Adoro animais. — Saía à minha mãe. Era um dos poucos pedaços dela que me restava.

Noutra vida, teria sido veterinária, mas nesta? O meu caminho fora traçado antes de eu nascer.

— Serias uma grande rainha. — Emma deu um passo para o lado a fim de permitir a passagem de um membro da equipa com um cachorrinho a contorcer-se nos braços. — A sério.

Ri-me com a ideia.

— Obrigada, mas não tenho interesse em ser rainha. Mesmo que tivesse, as hipóteses de usar a coroa são poucas.

Como princesa de Eldorra, um pequeno reino europeu, estava mais perto de governar do que a maioria das pessoas. Os meus pais morreram quando eu era criança — a minha mãe, no parto, o meu pai, num acidente de viação alguns anos depois —, pelo que era a segunda na linha de sucessão ao trono. O meu irmão Nikolai, quatro anos mais velho, estudava para suceder ao nosso avô, o rei Edvard, desde que tinha idade suficiente para andar. Assim que Nikolai tivesse filhos, eu desceria na linha de sucessão, algo que não me importava. Queria tanto ser rainha como mergulhar num barril de ácido.

Emma franziu a testa, decepcionada.

— Ah, bem, sinto o mesmo.

— Emma! — gritou um dos outros membros da equipa. — Temos um problema com os gatos.

Ela suspirou.

— São sempre os gatos — murmurou. — De qualquer forma, queria falar-te da minha reforma antes de saberes por outra pessoa. Estarei aqui até ao fim da próxima semana, portanto, vemo-nos na terça-feira.

— Que bom. — Abracei-a e vi-a afastar-se, correndo por causa de uma luta de gatos, a dor no meu peito a aumentar.

Ainda bem que Emma só me falara da reforma no fim do meu turno, senão teria pensado nisso o tempo todo.

— Está pronta, Vossa Alteza? — perguntou Booth, desejoso de fugir do *Leather*.

— Sim. Vamos lá.

— Sim, vamos lá! — palrou o *Leather* quando saímos. — Espanque-me!

Soltei uma gargalhada ao ver a careta de Booth.

— Vou sentir a sua falta, e o *Leather* também. — Enfiei as mãos nos bolsos do casaco para as proteger do frio cortante do outono. — Fale-me do novo guarda-costas. Como é ele?

As folhas estalavam sob as minhas botas enquanto caminhávamos em direção à casa fora do *campus*, a apenas quinze minutos

de distância. Eu adorava o outono e tudo o que vinha com ele — as roupas aconchegantes, a profusão de cores nas árvores, o aroma de canela e fumo no ar.

Em Athenberg, não poderia andar na rua sem ser assediada, mas isso era o melhor da Thayer. A população estudantil ostentava tantos membros da realeza e filhos de celebridades que uma princesa não despertava a curiosidade. Podia viver como uma universitária relativamente normal.

— Não sei muito sobre o novo guarda — admitiu Booth. — Ele trabalha a contrato.

As minhas sobancelhas arquearam-se.

— A sério?

A Coroa às vezes contratava membros da segurança privada para servir ao lado da Guarda Real, mas era raro. Nos meus vinte e um anos, nunca tivera um guarda-costas contratado.

— Diz-se que é o melhor — continuou Booth, confundindo a minha surpresa com cautela. — Ex-SEAL, recomendações de alto nível, experiência a guardar personalidades em posições de relevo. É o profissional mais requisitado da sua empresa.

— Hum. — *Um guarda americano. Interessante.* — Espero que nos dêmos bem.

Quando duas pessoas estavam perto uma da outra vinte e quatro horas, sete dias por semana, a compatibilidade era importante. Muito. Conhecia algumas personalidades que não se tinham dado bem com os seguranças, e essas relações duravam pouco.

— Tenho a certeza de que sim. Vossa Alteza é de trato fácil.

— Só diz isso porque sou sua chefe.

Booth sorriu.

— Tecnicamente, o diretor da Guarda Real é o meu chefe.

Agitei um dedo brincalhão.

— Já está a responder-me? Estou desapontada.

Ele riu-se. Apesar da insistência em chamar-me Vossa Alteza, estabelecêramos uma boa relação informal ao longo dos anos que eu prezava. A formalidade excessiva esgotava-me.

Durante o resto do percurso, conversámos sobre a paternidade iminente e de Eldorra. Ele parecia prestes a rebentar de orgulho pelo bebé, e senti alguma inveja. Não estava perto de me casar e de ter filhos, mas queria o que Booth e a sua mulher tinham.

Amor. Paixão. *Escolha*. Coisas que nenhuma quantia poderia comprar.

Um sorriso sardónico surgiu nos meus lábios. Sem dúvida, pareceria uma pirralha ingrata perante quem pudesse ouvir os meus pensamentos. Podia ter qualquer coisa material que desejasse com um estalar dos dedos, e lamuriava-me sobre o amor.

Mas as pessoas são pessoas, independentemente do título, e alguns desejos são universais. Infelizmente, a capacidade de os tornar realidade não é.

Talvez me apaixonasse por um príncipe que me arrebatasse, mas duvidava. Provavelmente, acabaria num casamento chato e socialmente aceitável com um homem chato e socialmente aceitável que só tinha sexo na posição de missionário e passava férias nos mesmos dois lugares todos os anos.

Afastei o pensamento deprimente. Tinha um longo caminho a percorrer antes de pensar em casamento, e preocupar-me-ia então com isso.

Avistei a minha casa, e os olhos fixaram-se no *BMW* preto desconhecido parado no caminho de acesso. Presumi que pertencia ao novo guarda-costas.

— Está adiantado. — Admirado, Booth arqueou uma sobrance-lha. — Só devia chegar pelas cinco.

— A pontualidade é um bom sinal, suponho. — Embora meia hora mais cedo *possa* ser um exagero.

A porta do carro abriu-se e uma grande bota preta pousou no chão. Um segundo depois, o maior homem que eu já vira na vida real saiu do banco da frente, e a minha boca ficou seca.

Caramba. Lindo.

O meu novo guarda-costas devia ter pelo menos um metro e noventa e três, talvez até um metro e noventa e cinco, com músculos

sólidos e esculpidos em cada centímetro do seu corpo poderoso. Cabelo preto para o comprido roçava-lhe a gola e caía sobre um olho cinzento-escuro, e as pernas eram tão longas que ele diminuiu a distância entre nós em três passos.

Para alguém tão grande, movia-se com surpreendente discrição. Se não estivesse a olhar para ele, não teria notado a sua aproximação.

Parou diante de mim, e jurei que o meu corpo se inclinou um centímetro, incapaz de resistir à atração gravitacional. Também me senti estranhamente tentada a passar a mão pelo seu cabelo espesso. A maioria dos veteranos mantinha o cabelo curto ao estilo militar mesmo depois de sair do ativo, mas claramente ele não era um deles.

— Rhys Larsen. — A voz grave rolou sobre mim como uma carícia aveludada. Agora, mais de perto, via uma cicatriz fina a atravessar a sua sobrancelha esquerda, acrescentando um ar de ameaça à boa aparência morena. A barba por fazer escurecia-lhe o maxilar, e a sugestão de uma tatuagem espreitava das duas mangas da camisa.

Ele era o oposto dos tipos arrumadinhos e barbeados que eu geralmente procurava, mas isso não impediu que um bando de borboletas voasse na minha barriga.

Fiquei tão nervosa com o aparecimento delas que me esqueci de responder até Booth tossicar.

— Sou a Bridget. Prazer em conhecê-lo. — Esperava que nenhum dos homens percebesse o rubor que me cobria o rosto.

Omiti o título de *princesa* de propósito. Parecia demasiado pretensioso para a ocasião.

No entanto, notei que Rhys não se dirigiu a mim como *Vossa Alteza*, ao contrário de Booth. Não me importei — há anos que tentava que o Booth me tratasse pelo nome —, mas era outro sinal de que o novo guarda-costas não seria como o anterior.

— Tem de se mudar.

Pestanejei.

— Desculpe?

— A sua casa. — Rhys inclinou a cabeça em direção à espaçosa, mas aconchegante casa de dois quartos. — É um pesadelo de segurança. Não sei quem autorizou o local, mas tem de se mudar.

As borboletas pararam.

Conhecíamos-nos há menos de dois minutos, e ele já me dava ordens como se fosse o chefe. *Quem pensa ele que é?*

— Vivo aqui há dois anos. Nunca tive problemas.

— Basta uma vez.

— Não me vou mudar. — Acentuei as palavras com uma brusquidão que raramente usava, mas o tom condescendente de Rhys bulia-me com os nervos.

A atração desfez-se em cinzas, tendo a morte mais rápida da minha história com o sexo oposto.

Não que tivesse ido a algum lado. Ele era, afinal, o meu guarda-costas, mas seria bom ter um bálsamo para os olhos *sem* querer pontapeá-lo para o próximo século.

Homens. Davam cabo de tudo ao abrir a boca.

— O senhor é o especialista em segurança — acrescentei friamente. — Desenrasque-se.

Rhys olhou para mim sob as sobrancelhas grossas e escuras. Não me lembrava da última vez em que alguém me lançara um olhar furioso.

— Sim, *Vossa Alteza*. — A inflexão nas duas últimas palavras foi para ironizar com o título, e a indignação no meu estômago reacendeu-se.

Abri a boca para responder — o quê, não sabia, porque ele não tinha sido completamente hostil —, mas Booth interrompeu-me antes que dissesse algo de que iria arrepender-me.

— Porque não entramos? Parece que vai chover — disse ele.

Rhys e eu olhámos para cima. O céu estava azul sem nuvens.

Booth aclarou a garganta.

— Nunca se sabe. Os aguaceiros vêm do nada — murmurou. — *Vossa Alteza*, primeiro.

Entrámos em silêncio.

Despi o casaco e pendurei-o na árvore de bronze perto da porta antes de fazer outra tentativa de civilidade.

— Deseja beber alguma coisa?

Ainda me sentia irritada, mas detestava confrontos, e não queria que a relação com o novo guarda-costas começasse azeda.

— Não. — Rhys examinou a sala de estar, que decorara em tons de verde-jade e creme. Uma governanta vinha duas vezes por mês fazer uma limpeza profunda, mas eu própria mantinha a casa arrumada na maior parte do tempo.

— Porque não nos conhecemos melhor? — sugeriu Booth numa voz jovial e demasiado alta. — Hum, quero dizer Vossa Alteza e Rhys. Podemos conversar sobre necessidades, expectativas, horários...

— Excelente ideia. — Esbocei um sorriso tenso e indiquei o sofá a Rhys. — Por favor, sente-se.

Nos quarenta e cinco minutos seguintes, analisámos a logística da transição. Booth continuaria a ser o meu guarda-costas até segunda-feira, mas Rhys acompanhá-lo-ia para ter uma ideia de como as coisas funcionavam.

— Está tudo bem. — Rhys fechou o dossiê com uma análise pormenorizada das minhas aulas e horários semanais, próximos eventos públicos e viagens previstas. — Deixe-me ser franco, princesa Bridget. A princesa não é o primeiro, nem será o último membro da realeza que guardo. Trabalho com a Harper Security há cinco anos e nunca tive um cliente ferido. Quer saber porquê?

— Deixe-me adivinhar. O seu charme deslumbrante atordoou os pretensos atacantes — respondi.

Booth reprimiu uma gargalhada, que logo transformou em tosse.

A boca de Rhys nem se mexeu. *Claro que não.* A minha piada não era digna do canal Comedy Central, mas calculei que encontrar uma cascata no Sara seria mais fácil do que detetar uma gota de humor naquele corpo grande e irritantemente esculpido.

— A razão é dupla — disse Rhys calmamente, como se eu não tivesse aberto a boca. — Primeiro, não me envolvo na vida pessoal dos clientes. Estou aqui apenas para a proteger de danos físicos.

Não estou aqui para ser seu amigo, confidente ou qualquer outra coisa. Isso garante a minha avaliação objetiva. Segundo, os meus clientes entendem como as coisas devem funcionar para permanecerem seguros.

— E como é isso? — O meu sorriso educado continha um aviso que ele não percebeu ou ignorou.

— Fazem o que digo no tocante à segurança. — Os olhos cinzentos de Rhys fixaram os meus. Era como olhar para uma parede de aço inflexível. — Entendeu, Vossa Alteza?

Esqueçam o amor e a paixão. O que mais queria era esbofetear aquela cara para fazer desaparecer a expressão arrogante e dar uma joelhada às joias da família, já que estava com a mão na massa.

Pressionei as coxas com a ponta dos dedos e obriguei-me a contar até três antes de responder.

Quando voltei a falar, a minha voz estava fria o suficiente para fazer a Antártida parecer uma praia paradisíaca.

— Sim. — O meu sorriso tornou-se amarelo. — Felizmente para nós os dois, senhor Larsen, não tenho interesse em ser sua amiga, confidente ou «qualquer outra coisa».

Não me dei ao trabalho de dignificar a segunda parte da sua declaração — sobre fazer o que ele dissesse, quando dissesse — com uma resposta. Eu não era idiota. Seguiria sempre os conselhos de segurança de Booth, mas raios se ia alimentar o ego inchado de Rhys.

— Bom. — Rhys levantou-se. Detestava que fosse tão alto. A sua presença obliterava tudo em volta até ele ser a única coisa em que conseguia concentrar-me. — Vou avaliar a casa antes de discutirmos os próximos passos, incluindo a atualização do alarme. De momento, qualquer adolescente com acesso a tutoriais do YouTube pode desligá-lo. — Lançou-me um olhar de desaprovação antes de desaparecer na cozinha.

Fiquei de queixo caído.

— Ele... o senhor... — gaguejei, estranhamente sem palavras. — Ora, nunca vi tal coisa! — Virei-me para Booth, que tentava fundir-se com o enorme vaso de plantas junto à porta da frente. — O Booth não se vai embora. Proíbo-o.

Rhys *não podia* ser o meu guarda-costas. Iria matá-lo, e a minha governanta matar-*me-ia* por manchar o tapete com sangue.

— Deve ser o nervosismo do primeiro dia. — Booth parecia tão inseguro como soava. — Vão dar-se muito bem depois do, ah, período de transição, Vossa Alteza.

Talvez... *se* saíssemos vivos do período de transição.

— Tem razão. — Pressionei os dedos nas têmporas e respirei fundo. *Consigno fazer isto*. Já lidara com pessoas difíceis. O meu primo Andreas era filho de Satanás, e um lorde britânico uma vez tentou apalpar-me por baixo da mesa no Baile da Rosa no Mónaco. Só parou depois de eu «acidentalmente» lhe espetar um garfo na mão.

O que era um guarda-costas mal-humorado comparado com aristocratas libidinosos, repórteres intrometidos e familiares malvados?

Rhys voltou. Surpresa, a sua expressão continuava carrancuda.

— Detetei seis vulnerabilidades de segurança que temos de resolver o mais depressa possível — disse. — Vamos começar pela número um: as janelas.

— Quais? — *Fica calma. Mantém-te razoável*.

— Todas.

Booth cobriu o rosto com as mãos enquanto eu pensava em transformar o meu gancho de cabelo numa arma.

Rhys e eu não sairíamos vivos da transição, *definitivamente*.